

DE HOJE PARA ONTEM. A TRADIÇÃO DO AZULEJO NA ARQUITECTURA  
CONTEMPORÂNEA  
THEN AND NOW. THE AZULEJO TRADITION ON CONTEMPORARY  
ARCHITECTURE

Ana Almeida  
Alexandre Nobre Pais

Resumo

A presente comunicação enquadra-se no âmbito de uma tese de doutoramento com o tema “A cerâmica de autor para integração arquitectónica. A colecção do Museu Nacional do Azulejo (1949 – 1970)”. Esta investigação pretende contribuir para a revalorização de um sector da colecção, assim como aferir os graus de articulação entre os intervenientes de modo a permitir uma melhor exposição e comunicação da mesma, ampliando os sentidos de leitura deste acervo. Serão apresentados quatro estudos de caso alicerçados em objectos diferenciados da colecção no MNAz e respeitantes a obras cerâmicas in situ: Painel O Mar na Av. Infante Santo de Maria Keil em Lisboa; o revestimento do restaurante do pavilhão português na exposição universal de Bruxelas de 1958, da autoria de Menez; um painel cerâmico para a feira Comptoir Suisse em Lausanne (1957) da autoria de Querubim Lapa e, por último, do mesmo autor, uma placa cerâmica que evoca o revestimento cerâmico da Casa da Sorte, em Lisboa, inaugurada em 1963.

Palavras-chave: Colecções, Memória, Ruínas, Casas-Museu

## Abstract

The following presentation is part of a PhD thesis concerning the subject “Authors ceramics for architectonic integration. The collection of Museu Nacional do Azulejo (1949–1970)”. This research aims to contribute for the revaluation of this collection and to assess different methods to reach new and better ways to display, communicate and maximize approaches and interpretation of this patrimonial acquis. Four studies will be presented backed in different objects of the collection from Museu Nacional do Azulejo and the remaining panels in situ: a study for the panel The Sea, in Avenida Infante Santo, Lisbon; a panel by Menez for the Portuguese pavilion in the International and Universal Exhibition of Brussels, 1958; and a panel for the fair Comptoir Suisse in Lausanne, by Querubim Lapa and, by the same author, a ceramic plaque evoking the ceramic coating from Casa da Sorte (1963), in Lisbon.

Keywords: Azulejo (Tile), Modern Architecture, Museum Collections, Maria Keil, Menez, Querubim Lapa

## INTRODUÇÃO

Esta comunicação insere-se no âmbito de uma tese de doutoramento com o tema “A cerâmica de autor para integração arquitectónica. A colecção do Museu Nacional do Azulejo (1949 - 1970)” e tem como objectivo apresentar uma proposta metodológica de estudo das colecções do Museu Nacional do Azulejo (MNAz), datadas das décadas de 1950 e 1960. Esta proposta será feita através da ligação dos objectos ao contexto original de criação, dando a conhecer o património arquitectónico e os graus de articulação entre artistas e arquitectos, numa época em que a “síntese das artes” de Le Corbusier (1887-1965) cruzava estes meios artísticos.

Relativamente ao período das décadas de 1950 e 1960, o âmbito cronológico desta investigação, e especificamente ao nível da arquitectura, cerâmica e integração das artes, a produção teórica recente reflecte um crescente interesse pelo período do pós-guerra. Este interesse deve-se não só a reflexões ao nível da arquitectura e cerâmica, mas também sobre a investigação interdisciplinar entre arquitectura e artes plásticas. No entanto, ainda que com estas relações mútuas, na sua grande maioria não apresentam uma análise profunda do ponto de vista da articulação do imóvel com a arte integrada (Tostões 1997; Tostões 2004).

Por outro lado, são escassos os estudos aprofundados sobre colecções de património museológico que originalmente estaria integrado num suporte arquitectónico ou que faz parte do processo criativo e cuja finalidade seria a produção de uma obra para integração. Se num âmbito mais geral esta abordagem não ocorre, desconhece-se a sua existência no âmbito específico do azulejo.

Sob a perspectiva da Cerâmica é evidente que as publicações de catálogos, concebidos no âmbito das exposições de carácter monográfico patentes no MNAz, foram um contributo importante na divulgação e na actualização científica da obra de artistas de uma geração responsável pela renovação da cerâmica nas décadas de 1950 e 1960. São exemplo os catálogos das exposições sobre a obra de Maria Keil (1914-2012), realizada em 1989, de Querubim Lapa (1925), em 1994, de Júlio Resende (1917-2011), em 1998, de Eduardo Nery (1938-2013), em 2003, ou de Cecília de Sousa (1934) que teve a sua obra exposta em 2004 (Museu Nacional do Azulejo 1989; 1994; 1998 ; 2003; 2004).

Em outros catálogos de exposições de âmbito mais generalista como *O Azulejo em Portugal no século XX* (Henriques 2000), ocorrida em 2000 e concebida para circular por várias cidades brasileiras, é patente uma problematização mais aprofundada sobre o azulejo enquanto património integrado e a sua relação com o contexto arquitectónico. Subjacente a esta abordagem é patente uma preocupação de aprofundar a questão da chamada “Síntese das Artes” e a influência brasileira, nomeadamente nos textos de Paulo Henriques e Michel Toussaint.

Nestas exposições temporárias ocorridas no MNAz observou-se ainda, ao nível museográfico, a preocupação de ligação do objecto ao suporte *in situ* a que ele respeita, com o recurso a meios auxiliares de leitura, como fotografias, de modo a estabelecer a sua articulação com o contexto original.

Paralelamente, já a partir de meados da década de 1980, outros especialistas também evidenciaram a importância da cerâmica contemporânea do período em obras de carácter mais generalista (Meco 1989; Burlamaqui 1996). O conhecimento sobre esta área de investigação tem também vindo a ser complementado com produção teórica ao nível académico através de obras de carácter monográfico sobre artistas deste período (Figueira 2001; Borges 2004; Mantas 2012), existindo, no entanto, uma lacuna em relação a muitos outros artistas desta geração. Especificamente relacionado com cerâmica, o interesse sobre a sua integração em contexto arquitectónico tem conhecido dimensão internacional, em especial no Brasil, onde se efectivou um novo modo de incorporar o azulejo na arquitectura (Silveira 2008; Pinto Júnior 2006).

Também de referir a organização Docomomo (International Committee for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighborhoods of the Modern Movement), nomeadamente o comité internacional e o comité ibérico. Esta entidade tem ajudado a divulgar o património arquitectónico moderno através da organização de colóquios internacionais e da edição de publicações temáticas, promovendo a reflexão sobre a integração das artes, como se pode depreender pelo n.º 42 do *Docomomo Journal - Art and Architecture* (Docomomo 2010).

Quanto a estudos de colecções de carácter museológico sobre o património integrado, que assentem primeiramente no estudo dos objectos e na sua contextualização, estes são quase inexistentes. É ainda escassa a investigação específica sobre a Cerâmica como arte integrada, neste período, e a reflexão sobre o tema do azulejo enquanto objecto museológico é recente (Nóbrega 2013).

## 1. METODOLOGIA

Dado que uma das premissas é a relação entre o objecto e o contexto *in situ* no âmbito do qual este foi concebido, torna-se fundamental na metodologia de trabalho desta investigação o uso de um sistema de Inventário que relacione os objectos já inventariados com o suporte arquitectónico, que lhe esteve na base, assim como a outros objectos a ele associados que se encontrem em outras colecções. Apesar de ser uma evidência que os objectos que hoje se podem ver na maioria das instituições museológicas não foram concebidos para esses espaços, em peças como os azulejos, estudos ou projectos criados no âmbito de obra destinada à arquitectura esta lacuna é mais evidente, pela impossibilidade relacional imediata com o seu contexto de criação.

Peças cerâmicas como o azulejo trazem por si só desafios acrescidos de inventariação, no sentido em que existe informação que se perdeu no contexto extra-museológico de origem, antes da entrada no Museu, privando-se assim o observador e o investigador de uma leitura global.

Dada a complexidade e a diversidade tipológica dos objectos com que teremos de lidar preferimos optar no âmbito da reflexão para a dissertação a que nos propomos pelo sistema de inventário *In Patrimonium Premium*, desenvolvido pela empresa Sistemas de Futuro. Este consta de uma base de dados integrada e poderá relacionar todos os objectos em torno de uma obra.

## 2. A COLECÇÃO DO MUSEU NACIONAL DO AZULEJO | CARACTERIZAÇÃO

Importa então e antes de analisarmos os estudos de caso caracterizar a secção da colecção do Museu Nacional do Azulejo na qual se inserem os objectos museológicos a que reporta esta investigação.

Esta colecção do MNAz tem vindo a ser constituída em torno da vertente unidisciplinar da cerâmica. Ao espólio azulejar, recebido em finais do século XIX para decoração do edifício e que não havia sido utilizado, juntou-se, em 1965, o núcleo de azulejaria do Museu Nacional de Arte Antiga, por iniciativa do Eng. João Miguel dos Santos Simões (1907-1972). O espaço abriu ao público, em 1970, com o nome de Museu do Azulejo, e viria a transformar-se, em 1980, no organismo autónomo com a actual designação.

Em 2009 o MNAz iniciou o projecto “Devolver ao Olhar”, inserido numa política de reavaliação do inventário existente que se traduziu na abertura dos caixotes e confirmação das existências. Este projecto tem vindo a revelar numerosas obras até então desconhecidas, muitas delas do período contemporâneo, enriquecendo assim a colecção que é constituída pelas categorias de Cerâmica, Documentação Gráfica, Desenho e ainda pelos objectos que pertenceram ao antigo Convento da Madre de Deus.

Os objectos dentro do período cronológico que definimos e que constituem o *corpus* desta tese encontram-se reunidos nas categorias de Cerâmica de Revestimento e Documentação Gráfica. Na categoria de Cerâmica de Revestimento incluem-se painéis que pertenceram a revestimentos entretanto removidos, por razões variadas, réplicas de revestimentos *in situ*, devidamente autorizadas pelos seus autores, ou ainda obras que aludem (sem replicarem) a determinada obra também *in situ*. Integrados nas categorias de Documentação Gráfica e Desenho estão os objectos que documentam diversas fases de concepção (estudos, projectos) para peças do museu ou revestimentos cerâmicos *in situ*.

Quanto aos modos de incorporação, o espólio contem peças provenientes do chamado “Fundo Antigo”, incorporadas anteriormente a 1980, doações dos autores, dos seus familiares, de colecionadores privados e ainda de algumas instituições com funções importantes no desenvolvimento da produção cerâmica de autor, como o Metropolitano de Lisboa ou a Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego. Mais recentemente, o Grupo dos Amigos do Museu Nacional do Azulejo tem vindo a doar algumas peças também relativas a este período. A política concertada de aquisições permitiu ao MNAz adquirir os projectos e estudos da artista Maria Keil para a sua obra cerâmica que já se encontravam em depósito nesta instituição. De referir também as peças que se encontram à guarda do Museu em situação de depósito por parte dos seus autores, como Eduardo Nery, ou ainda de instituições, como a AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal).

Quanto a uma caracterização mais específica do conjunto de obras base desta investigação, este é constituído por cerca de 350 objectos. Estes distribuem-se por painéis de azulejo, painéis de placas cerâmicas, azulejos e placas cerâmicas avulsas, montados em suporte acrílico, ou *aerolame*, acondicionados em caixas e projectos ou estudos. Este número corresponde a cerca de uma centena de obras cerâmicas criadas para diversos tipos de suporte arquitectónico, alguns dos quais ainda por identificar, embora a autoria dos objectos se encontre já definida.

Encontram-se representados na colecção do MNAz para a investigação os seguintes artistas: Abel dos Santos (1924), Cecília de Sousa, Eduardo Nery, Luis Ferreira da Silva (1928), Fred Kradolfer (1903-1968), Hansi Stäel (1913-1961), Hein Semke (1899-1995), Homero Gonçalves (1933), João Abel Manta (1928), Jorge Barradas (1894-1971), João Machado Costa (1922-1998) e Natércia Costa (1929-2003), José de Almada Negreiros (1893-1970), Júlio Pomar (1926), Lucien Donnat (1922-2013), Manuel Cargaleiro (1927), Maria Keil, Menez (1926-1995), Querubim Lapa, Rogério Amaral (1917-1996) e Rogério Ribeiro (1930-2008).

### 3. ESTUDOS DE CASO

#### MARIA KEIL, PAINEL “O MAR”, AV. INFANTE SANTO, LISBOA

Existem na colecção do MNAz um conjunto de objectos relativos a esta obra de Maria Keil. Este é constituído por seis estudos, um projecto e uma réplica da secção do revestimento em azulejo do painel *O Mar*, localizado na Avenida Infante Santo em Lisboa (Fig. 1). À excepção do painel de azulejos, uma doação da Fábrica Viúva Lamego, a incorporação deste conjunto na colecção deu-se por compra à autora e integrou-se na aquisição de outros objectos, que estavam em depósito no MNAz, como já mencionado. Estes integravam uma série de estudos e projectos de Maria Keil relativos a obras cerâmicas *in situ*, das quais se destacam os revestimentos que concebeu para as estações do Metropolitano de Lisboa, inauguradas entre 1959 e 1972. Para este conjunto de obras relativos ao painel, a ligação à obra *in situ* estava já plenamente identificada e divulgada permitindo, desde logo, identificar obras cerâmicas pertencentes ao mesmo núcleo e que ainda aí permanecem da autoria de Rolando Sá Nogueira (1921 – 2002), Carlos Botelho (1899-1982) e Alice Jorge (1924-2008) em parceria com Júlio Pomar (1926). A construção deste conjunto habitacional foi promovida pela Câmara Municipal de Lisboa, entre 1955 e 1960, e teve projecto da autoria dos arquitectos Alberto José Pessoa (1919-1985), Hernâni Gandra (1914- 1988) e João Abel Manta sendo distinguida com o Prémio Municipal de Arquitectura (1956). Os quatro painéis foram propostos à autarquia lisboeta para execução em 1957, tendo sido as suas maquetas aprovadas no ano seguinte pela Comissão Municipal de Arte. A sua realização em fábrica ocorreu em 1958 e a sua aplicação deu-se no ano seguinte, em 1959 (Burlamaqui 1996, 51; Mantas 2013, 283-284).

Em primeiro lugar a análise deste conjunto de obras permite, desde logo, analisar o processo criativo de Maria Keil, permitindo observar que a iconografia inicial foi alterada. A primeira proposta para este painel apresentava uma

iconografia relacionada com o mundo da construção civil (Fig. 2) tendo sido alterada para um universo marítimo com barcos e pescador (Fig. 3), assumindo este último, ao longo dos estudos, um papel preponderante na composição final. Não cabendo nesta comunicação uma análise estética aprofundada deste processo, nem da obra cerâmica final, não podemos deixar de sublinhar a importância da constituição de um acervo que permite documentar as obras *in situ* e, paralelamente, o processo criativo dos autores numa lógica que se assemelha à constituição da colecção do Museum of Sketches, Museum of Public Art, inserido na Universidade de Lund, na Suécia. Iniciada em 1934 com o principal objectivo de reunir esboços, projectos e maquetas relativas a obras de arte pública, nas quais se destaca o conjunto de projectos das principais obras dos muralistas mexicanos da década de 1950, o fundador deste museu, Ragnar Josephson (1891-1966), defendia que este tipo de objectos são fundamentais para compreender o momento da criação artística, “the birth of a work of art” (Docomomo 2010, 35). Também esta prática museológica tem sido implementada no MNAz em relação aos autores de obras cerâmicas, mas não é prática corrente no panorama museológico e, muito especificamente, com as instituições que lidam com património integrado.

Para além do processo criativo do artista, neste caso Maria Keil, o estudo da obra e a associação ao seu contexto *in situ* permitem divulgar e estudar a produção de outros artistas que trabalharam a cerâmica, ainda que com um carácter mais pontual, associando-o a um imóvel lisboeta que é hoje considerado um ícone da arquitectura moderna deste período e que consagra as premissas da Carta de Atenas (1933) profundamente influenciada por Le Corbusier.

## MENEZ, PAVILHÃO DE PORTUGAL NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL, BRUXELAS, 1958

Se por um lado o conjunto de obras anteriormente referido estava perfeitamente identificado e associado a um contexto *in situ*, o mesmo não aconteceu com outros revestimentos cerâmicos da colecção do MNAz. Aquando do início do projecto *Devolver ao Olhar*, anteriormente mencionado, foi encontrado um núcleo não identificado de azulejos acondicionados em caixotes, de carácter abstracto e claramente do período contemporâneo, realizados na Fábrica Viúva Lamego, mas cuja autoria e ligação ao contexto para onde haviam sido realizados era desconhecido (Fig. 4). A presença de marcação no tardo permitiu a montagem de algumas secções desta obra e, conseqüentemente, proceder à identificação

da mesma como sendo o revestimento do Restaurante do Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Bruxelas de 1958, da autoria da pintora Menez. A identificação partiu da sinalização prévia deste painel em revistas coevas de arquitectura nomeadamente *Binário-Arquitectura, Construção, Equipamento e Arquitectura* que permitiu, por analogia estilística a outras obras da mesma autora, associar este conjunto azulejar ao pavilhão, posteriormente destruído dado o seu carácter efémero. A existência das fotografias, da autoria de Horácio Novais (1910-1988), a preto e branco em alta resolução, no espólio da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (Figs. 5 e 6), publicadas no n.º 7 da revista *Binário*, serviu de base à montagem do painel que se revelou de grandes dimensões. O projecto do pavilhão, para o qual foi realizado um concurso, foi da autoria do arquitecto Pedro Cid (1925-1983). Este estava dividido em seis sectores. Para cada sector foi afectado um decorador que, por sua vez, coordenava uma equipa de artistas plásticos. O Restaurante “Porto” funcionava como um módulo autónomo da área expositiva e correspondia ao sector VI. Teve como decorador Eduardo Anahory (1917-1985), companheiro de Menez à época, com quem desenvolveu outros trabalhos interessantes de arquitectura e decoração de interiores nomeadamente o Café-Restaurante Vavá, obra desse mesmo ano de 1958. Os azulejos revestiam uma parede contracurvada, ligeiramente espiralada e que terminava no balcão do restaurante, fazendo a ligação entre o exterior e o interior do edifício. Para além do revestimento em azulejo a artista realizou ainda uma pintura mural para o mesmo espaço que, ao contrário de outros sectores que foram seriamente criticados (Silva e Portas 1958, 24), apresentava integração dos elementos cerâmicos na arquitectura e não um elemento sobreposto à mesma. O sector IV tinha como decoradores responsáveis Manuel Rodrigues (1924-1965) e Sebastião Rodrigues (1929-1997) e correspondia ao tema da atualidade portuguesa. Nesta área expositiva do pavilhão eram dadas a ver obras de arquitectura entre as quais se encontrava o Conjunto Habitacional da Av. Infante Santo, mencionado no caso de estudo anterior, sinal da importância que este edificado assumia na arquitectura portuguesa deste período. No mesmo sector encontrava-se exposta uma escultura cerâmica evocando o Sol da autoria de Querubim Lapa, artista que já havia colaborado em outras representações portuguesas no estrangeiro.

#### QUERUBIM LAPA, COMPTOIR SUISSE, LAUSANNE, 1957

Este elemento, o Sol, já havia sido integrado num outro revestimento de maiores dimensões presente, no ano anterior ao da realização da exposição de Bruxelas, em 1957, na Feira industrial Comptoir Suisse, em Lausanne, Suíça, na

qual Portugal esteve como convidado de honra. Foram responsáveis pelo projecto do pavilhão de Portugal os arquitectos Sena da Silva (1926-2001), José Daniel Santa Rita (1929-2001) e Francisco Conceição Silva (1922-1982) que coordenava a equipa e com quem Lapa viria a desenvolver uma frutuosa colaboração.

Esta obra cerâmica consistia num longo painel organizado na horizontal e colocado na parede traseira ao balcão de atendimento do pavilhão. Elaborado a partir de um jogo de placas cerâmicas modeladas, simulando a incidência solar e os seus reflexos, apresentava, para além do já referido Sol, quatro elementos principais cuja temática se relacionava com as actividades comerciais e agrícolas de Portugal (Figs 7 e 8). O MNAz acolhe no seu acervo, em situação de depósito da AICEP, esses quatro elementos tratados como objectos autónomos, embora devidamente identificados na autoria e no contexto original para o qual foram criados. Pelas fotos no arquivo Mário Novais e pela forma como estas estão montadas pode-se facilmente constatar que os elementos deste conjunto foram concebidos de forma independente, possivelmente para facilitar o transporte e a montagem, daí que tenham tido tratamento individual.

Um dos elementos do conjunto apresenta uma figura feminina, que lembra uma sereia, e integra frequentemente exposições temporárias e também a exposição permanente do MNAz (Fig. 9). A sua forma de apresentação contudo é sempre feita na vertical, isolada, sem qualquer menção ao conjunto no qual se integrava originalmente. O mesmo se passa com a sua reprodução em catálogos tendo mesmo sido publicada numa monografia sobre o artista também na vertical (Lapa 2001, 18). Como facilmente se verifica na imagem do pavilhão original este elemento estava posicionado na horizontal, fazendo parte integrante de um todo, juntamente com os restantes quatro elementos. Analisando com atenção a imagem podemos verificar que os elementos prismáticos que rodeiam a figuração simulam a incidência de luz vinda de um dos lados do pavilhão, encontrando-se todos posicionados da mesma forma.

A investigação sobre esta peça permitiu assim fornecer ao museu mais informação sobre o seu suporte arquitectónico original, associando-a com segurança a outros objectos da colecção, assim como à forma de articulação entre eles. Esta informação possibilita também ao MNAz uma reflexão acerca da museografia desta obra, fornecendo logo na sua apresentação mais informação ao visitante e, inclusivamente, permitindo o recurso a discursos visuais que possibilitam uma melhor compreensão do conjunto e do seu devido enquadramento.

A identificação e a associação deste revestimento ao contexto para o qual foi feito permite ainda dar existência às representações portuguesas no estrangeiro que, por serem efémeras, tendem a ser objecto de menor investigação, mas nas quais a qualidade arquitectónica era evidente.

### QUERUBIM LAPA, CASA DA SORTE LISBOA, 1963

A colaboração entre Querubim Lapa e o arquitecto Francisco Conceição Silva continuou ao longo da vida profissional de ambos, sendo de destacar o projecto da Casa da Sorte, na Rua Garrett, em Lisboa. Na colecção do MNAz a evocação desta obra é feita através de uma placa cerâmica, esmaltada em tons de azul e branco, com a assinatura “Querubim” (Fig.10) e com outro elemento orgânico. Esta placa cerâmica foi doada pelo autor ao Museu Nacional do Azulejo.

Pela observação desta placa e apesar da identificação não é possível evocar por si só o contexto original de criação ou ter uma ideia aproximada do revestimento cerâmico, uma vez que esta informação não existe. A Casa da Sorte, loja de apostas e venda de jogos de sorte, abriu ao público em 1963, ocupando o piso térreo de um prédio pombalino na Rua Garrett, no espaço anteriormente ocupado pela tabacaria Estrela Polar (Fig.11).

A totalidade da fachada e o seu interior contam como uma intervenção cerâmica extensa que se estende à totalidade do espaço assim como ao interior do estabelecimento comercial. Todas as paredes exteriores são cobertas por placas cerâmicas, semelhantes à que se encontra na colecção do MNAz. No interior, na intervenção com as placas cerâmicas, algumas com relevo, Querubim Lapa recorreu a tons acastanhados que fazem a ligação com a madeira do mobiliário desenhado pelo arquitecto Conceição Silva.

Esta placa cerâmica adquire ainda maior significação quando se sabe que foi a partir da definição das unidades cerâmicas estabelecida pelo artista que o arquitecto desenhou todos os vãos exteriores, funcionando esta como uma matriz do processo de criação normalmente associada ao arquitecto. Um processo que aqui foi invertido numa verdadeira parceria entre as artes plásticas e a arquitectura, muito presentes no espirito da comunidade artística desde a década anterior.

Esta placa cerâmica reveste-se assim de verdadeira importância tornando-se não só o verdadeiro objecto mediador, na medida em que, ao evocar o significativo, pode devolver o visitante para o território da cidade, mas também de proximidade, contribuindo para um maior conhecimento e consequente salvaguarda deste património que, por ser recente, é muitas vezes negligenciado em função de outro mais antigo.

Através dela é ainda possível conhecer não só o autor mas também um dos arquitectos que marcaram a arquitectura portuguesa do século XX e sobre o qual é necessária uma investigação monográfica. A ele se devem, para além do Pavilhão Comptoir Suisse e da Casa da Sorte, já aqui mencionadas, a Loja Rampa (1955), em Lisboa; o Hotel do Mar, Sesimbra (1956); o Hotel Balaia, Albufeira (1966); ou o Edifício Castil (1971), em Lisboa.

Neste caso, a localização do projecto numa colecção particular não acrescentou dados significativos aos já existentes, mas a sua investigação, à semelhança dos anteriores, permite consciencializar o visitante para o património cerâmico e arquitectónico contemporâneo.

## REFLEXÕES FINAIS

O estudo da colecção do MNaz está a permitir a reflexão sobre obras de autores actualmente marcantes no panorama artístico e, principalmente, estudar e reavaliar obras menos conhecidas relativas a este período.

Como se pode observar pelos estudos de caso, as situações, as tipologias e o grau de conhecimento sobre os objectos são diferenciados, mas foi sempre possível acrescentar níveis de significações. A investigação está ainda a permitir que o MNaz receba informação crítica para uma releitura e revalorização da sua colecção, de modo a melhorar a comunicação sobre a mesma, estreitando a ligação dos objectos com a envolvente pré-museológica e devolvendo ao visitante o contexto original de criação.

O estudo da colecção tem ainda o objectivo de contribuir para o debate científico alargado sobre património originalmente integrado e actualmente em contexto museológico, com especial enfoque para a produção de uma época, o pós-guerra, decisiva para a renovação de propostas que permitiram o renascimento do uso do azulejo em Portugal.

A dissertação de doutoramento “A cerâmica de autor para integração arquitectónica. A colecção do Museu Nacional do Azulejo (1949 – 1970)” tem como orientador principal o Professor Doutor Vítor Serrão e como co-orientadores a Professora Doutora Arquitecta Ana Tostões e o Doutor Alexandre Nobre Pais. Os autores agradecem à Doutora Maria Antónia Pinto de Matos, directora do Museu Nacional do Azulejo; às técnicas de Inventário Porfíria Formiga e Graça Silva, à Dra. Bárbara Monteiro, voluntária na mesma instituição e ainda à Dra. Ana Barata da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

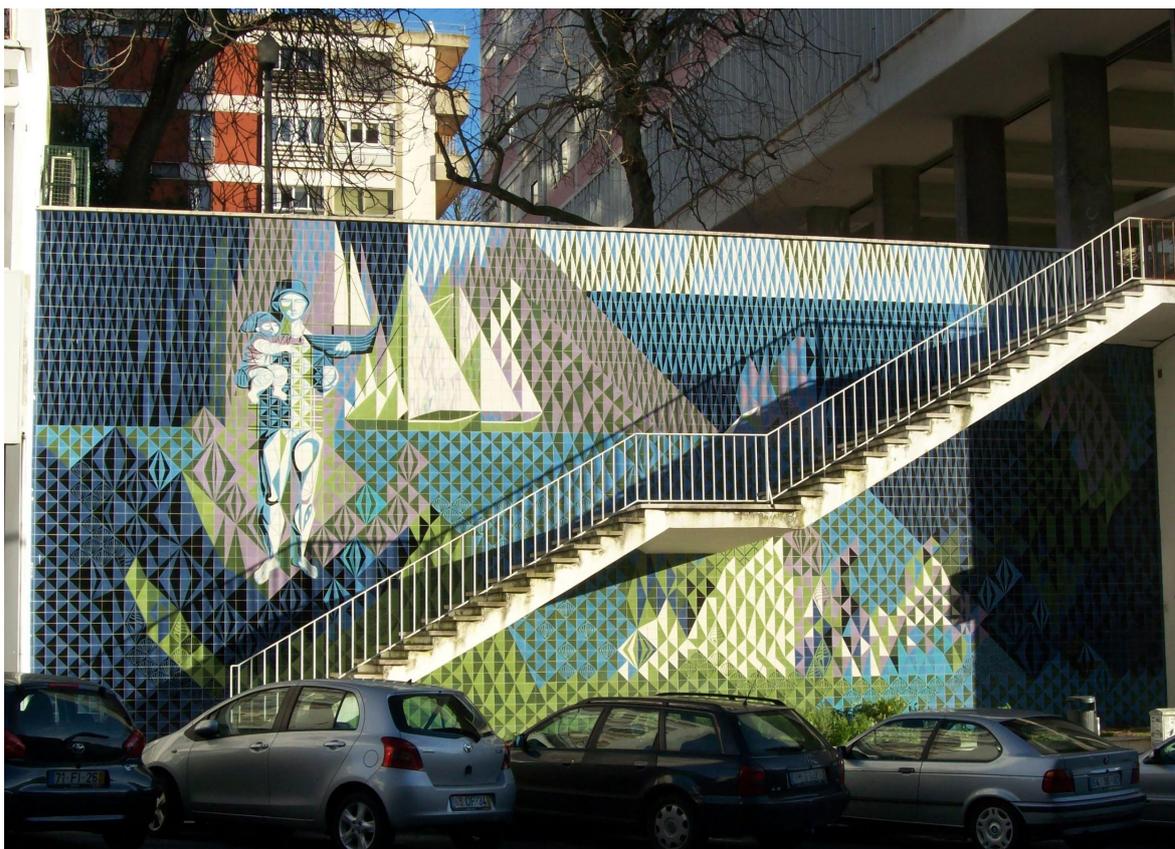


Figura 1. Maria Keil *O Mar*, 1958, Av. Infante Santo, Lisboa. Foto: Ana Almeida



Figura 2. Maria Keil *Operários*, 1956-1958, Estudo prévio para painel *O Mar* 39,8x36,5 cm, Museu Nacional do Azulejo, Inv. MNAz 340 Proj. Foto: Pedro Ferreira, Direcção Geral do Património Cultural



Figura 3. Maria Keil *O Mar*, 1956-1958, Projecto para painel *O Mar* 35,3x90cm, Museu Nacional do Azulejo, Inv. MNAz 342 Proj. Foto: Pedro Ferreira, Direcção Geral do Património Cultural



Figura 4. Montagem de secção do revestimento da autoria de Menez para Restaurante do Pavilhão de Portugal em Bruxelas de 1958, Museu Nacional do Azulejo. Foto: Graça Silva, Museu Nacional do Azulejo



Figuras 5 e 6. Menez Revestimento do Restaurante do Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Bruxelas, 1958. Fotos: Horácio Novais, 1958. Col. Estúdio Mário Novais | Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte



Figuras 7 e 8. Querubim Lapa, Revestimento para o Pavilhão de Portugal na Feira Comptoir Suisse, 1957.  
Fotos: Horácio Novais, 1957. Col. Estúdio Mário Novais | Fundação Calouste Gulbenkian - Biblioteca de Arte



Figura 9. Querubim Lapa, Painel de placas cerâmicas para revestimento do Pavilhão de Portugal na Feira Comptoir Suisse, 1957, 184x114x14cm, Museu Nacional do Azulejo, Depósito AICEP  
Foto: Carlos Monteiro, Direcção Geral do Património Cultural

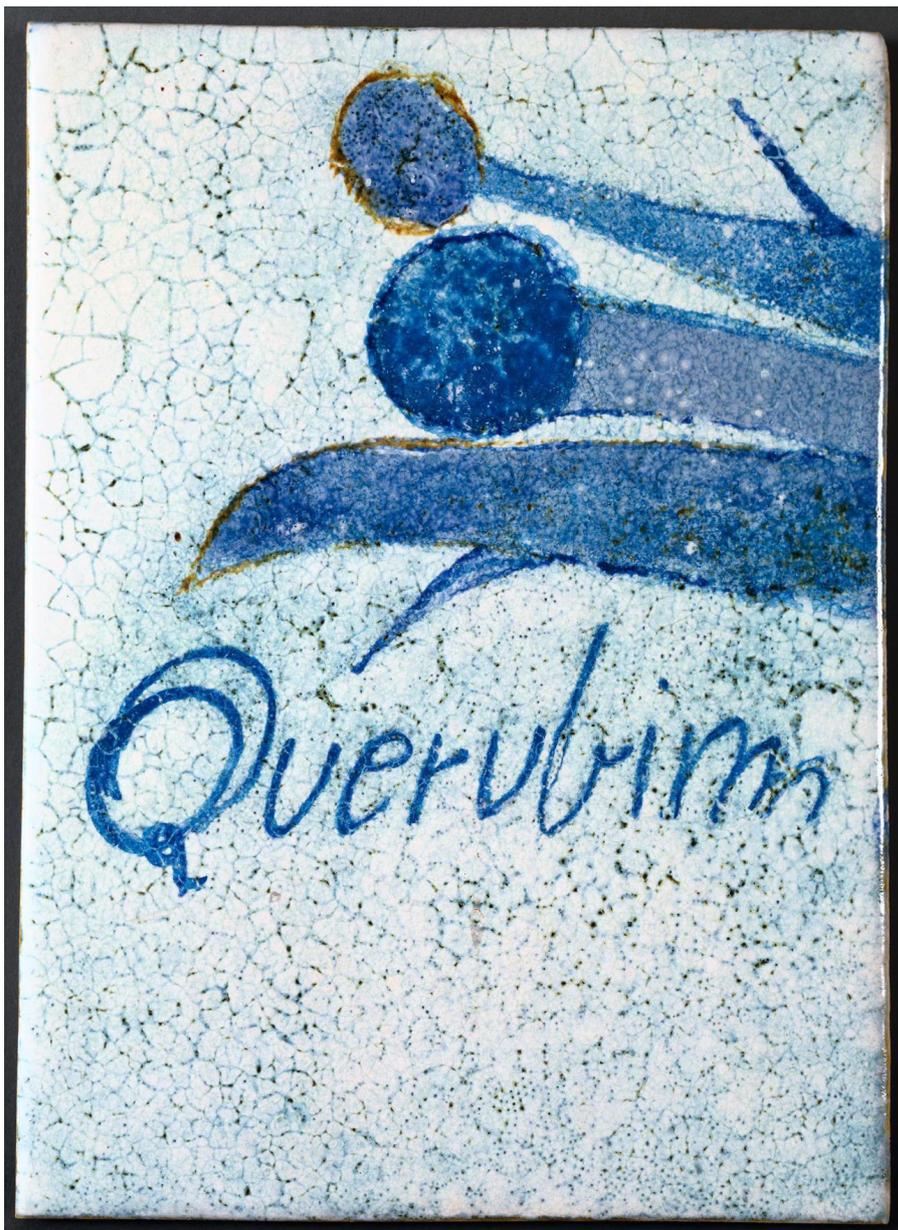


Figura 10. Querubim Lapa, Placa cerâmica relativa ao revestimento da Casa da Sorte em Lisboa, 1963, 38x27cm, Museu Nacional do Azulejo, Inv. 87 Cer. Foto: Carlos Monteiro, Direcção Geral do Património Cultural



Figura 11. Querubim Lapa, Casa da Sorte, Rua Garrett, Lisboa. Foto: Ana Almeida

## BIBLIOGRAFIA

Borges, Maria Clara da Fonseca. 2004. *Querubim Lapa: cerâmica, identidade e imaginário*. MA diss. Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa.

Burlamaqui, Suraya. 1996. *Cerâmica Mural Portuguesa Contemporânea: Azulejos, Placas e Relevos*. Lisboa: Quetzal Editores.

*Docomomo Journal - Art and Architecture*. 2010. (42).

Figueira, Carlos Alberto Nunes. 2001. *A Escultura Cerâmica na Animação Arquitectónica: Contributo de Jorge Barradas*. MA diss. Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa.

Henriques, Paulo, coord. 2000. *O Azulejo em Portugal no século XX*. Lisboa: Comissão Nacional para os Descobrimientos Portugueses; Lisboa: INAPA.

Lapa, Paula. org. 2001. *Cerâmicas. Querubim Lapa*. Lisboa. INAPA.

Mantas, Helena Alexandra Jorge Soares. 2012. *Maria Keil, “uma operária das artes” (1914-2012)*. *Arte portuguesa do século XX*. MA diss. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

- Meco, José. 1989. *O Azulejo em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa.
- Museu Nacional do Azulejo. 1989. *Júlio Resende: Obra Cerâmica*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Museu Nacional do Azulejo. 1989. *Maria Keil: Azulejos*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, Museu Nacional do Azulejo.
- Museu Nacional do Azulejo. 1994. *Querubim: obra cerâmica 1954-1994*. Lisboa: Lisboa 94; Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.
- Museu Nacional do Azulejo. 2003. *Eduardo Nery: Exposição Retrospectiva: tapeçaria, Azulejo, Mosaico, Vitral [1961-2003]*. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- Museu Nacional do Azulejo. *A Minha segunda Casa – Cecília de Sousa. Obra Cerâmica 1954-2004*. 2004. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.
- “Pavilhão de Portugal na Exposição Universal de Bruxelas (1958)”. 1958. In *Binário. Arquitectura, construção, equipamento*. 7 (3-16).
- “Pavilhão de Portugal na feira de Lausanne (Comptoir Suisse – 1957)”. 1958. In *Binário. Arquitectura, construção, equipamento*. 7 (20-23).
- Pereira, Patrícia Nóbrega. 2013. *O azulejo enquanto objecto museológico*. MA diss., Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Pinto Júnior, Rafael Alves. 2006. *Os Azulejos de Portinari como elementos visuais da arquitectura modernista no Brasil*. Universidade Federal de Goiás.
- Silva, F. Gomes da; Portas, Nuno. 1958. “Expo 58”. In *Arquitectura* 63 (23-38).
- Silveira, Marcele Cristiane. 2008. *O Azulejo na Modernidade Arquitectónica: 1930-1960*. MA diss. Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- Tostões, Ana. 1997. *Os Verdes Anos na Arquitectura Portuguesa dos Anos 50*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Tostões, Ana. 2004. “Projecto Global, a Integração das Três Artes”. In *Arquitectura Moderna Portuguesa: 1920-1970*. 370-375. Lisboa: Instituto Português de Património Arquitectónico.